



NOVA GERAÇÃO, NOVA REALIDADE

Definir “jovem” não é uma tarefa fácil, principalmente considerando que, hoje, as informações e experiências chegam e são absorvidas de forma desigual pelos vários “grupos” de adolescentes, seja pelas diferenças econômicas, sociais ou mesmo culturais, ainda que em maior número do que o oferecido às antigas gerações.

Um perfil se torna ainda mais difícil de ser estabelecido quando levamos em conta a própria fase de formação e inconstância, característica da adolescência.

O jovem do Brasil parece viver uma realidade contraditória. Ao mesmo tempo em que se mostra extremamente preocupado, atento aos problemas sociais, à violência e, cada vez mais cedo, passa a pensar no futuro profissional e na obtenção de dinheiro, nota-se nele um despreparo visível quando observamos, por exemplo, o alarmante número de jovens que se tornam mães antes dos 20 anos. Isso ocorre também ao nos darmos conta de que, segundo o Instituto Nacional do Câncer, um em cada três adolescentes com mais de 16 anos fuma cigarros e que 5% deles admitem já terem usado drogas proibidas.

Embora tamanha modernidade e multiplicidade de informação dêem a essa geração um aspecto diferenciado e talvez uma impressão de amadurecimento, não é o que ocorre. Os adolescentes convivem com inseguranças e diversos medos, mais corriqueiramente de assumir responsabilidades e de tomar decisões definitivas. Mas uma parte disso poderia ser evitada se tivéssemos hoje uma estrutura familiar mais sólida e um maior tempo de convívio entre pais e filhos.

Se a nova geração ganha em esclarecimento e conhecimento, não lhe foi dada, salvo as exceções, a mesma base e a mesma confiança e segurança familiar de outros tempos. Os novos jovens não levam vantagens, pois, se avançam, o mundo avança com eles. Enfrentarão, então, uma sociedade competitiva, arriscada e que lhes cobrará muito mais.